



É A DE ATABAQUE, B DE BERIMBAU, C DE CAPOEIRA: CAPOEIRA E LETRAMENTOS DE RESISTÊNCIA NO BAIRRO CIDADE COM DEUS EM CAMOCIM-CE

Gilson Soares Cordeiro¹

Paulo da Ponte Portela²

Resumo: O presente artigo objetiva debater as ações de letramento no projeto de extensão Capoeira e Letramentos de Resistência (CALERE) desenvolvido ao longo dos anos de 2016 e 2017 no bairro Cidade com Deus Camocim-CE. Apoiado pelo Setor de Assistência Estudantil do IFCE campus Camocim e pelo grupo de Capoeira Regional Mestre Avila, as ações do projeto, através do método da cartografia intervencionista, visam ao fortalecimento do entrelaçamento entre a formação de crianças e jovens desta comunidade como capoeiras, seus debates identitários e consciência crítico-reflexiva a partir das práticas de letramento. Além disso, oportunizou-se que os estudantes bolsistas do projeto em formação de docência pudessem ter contato com práticas de ensino-aprendizagem para além do cânone estruturalista, contribuindo para sua formação crítica.

Palavras-chaves: capoeira; letramentos de resistência; ensino.

IS A OF ATABAQUE, B OF BERIMBAU, C OF CAPOEIRA: CAPOEIRA AND LITERACY OF RESISTANCE IN THE "CITY WITH GOD" NEIGHBORHOOD IN CAMOCIM-CE

Abstract: The present article aims to debate the actions of literacy in the project of extension called Capoeira and Literacy of Resistance, developed in 2016 – 2017 in the quarter Cidade com Deus, Camocim-CE. Counting with the support of Department of Student Assistance of IFCE – Camocim campus - and also with the help of the capoeira group Capoeira Regional Mestre Avila, the actions of the project aimed to strengthen the relationship between the formation of children and teenagers as capoeiras, their identity debates and the critical-reflexive conscience based on the literacy practices. Besides this, the monitors students in process of teaching formation had the opportunity to deal with practices of teaching-learning beyond the structuralistic canon, what contributes to their critic teaching formation.

Keywords: capoeira; literacy of resistance; teaching.

C'EST A DE ATABAQUE, B DE BERIMBAU, C DE CAPOEIRA: CAPOEIRA ET LETTREMENT DE RÉSISTANCE DANS LE VOISINAGE CIDADE COM DEUS EN CAMOCIN-CE

Résumé: Cet article vise à discuter des actions de littératie dans le projet d'extension Capoeira e Letramentos de Resistência (CALERE) développées au cours des années 2016 et 2017 dans le quartier Cidade com Deus dans la ville de Camocim-CE. Soutenues par le secteur

¹ Gilson Soares Cordeiro é doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) campus Camocim.

² Paulo da Ponte Portela é Especialista em Educação Biocêntrica pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA), graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), atua como psicólogo escolar do Instituto Federal do Ceará (IFCE) campus Camocim.



d'assistanceauxétudiantsdu Campus Camocim de l'IFCE et par le groupe Capoeira Regional Mestre Avila, lesactionsduprojet, à traversduméthode de lacartographieinterventionniste, visent à renforcerl'entrelacement entre laformationdes enfants et desjeunes de cettecommunautécomme capoeiras, et pourlesdébatssurl'identité et laconscience critique et réfléchissantils se appuyaient surles pratiques de littératies. La rechercheaussidonnel'opportunitéd pour les étudiantsboursiers du projet de formation d'enseignementpuissentavoirdes contacts avec des pratiquesd'enseignement-apprentissage au-delà du canon structuraliste, et, par consequent, avoir part de leur formation critique.

Mots-clés: capoeira; littératies de résistance; enseignement.

ES LA A DE ATABAQUE, B DE BERIMBAU, C DE CAPOEIRA: CAPOEIRA Y LETRAMENTOS DE RESISTÊNCIA EN EL BARRIO CIUDADE CON DIÓS EN CAMOCIM-CE

Resumen: El presente artículo tieneel propósito de debatirlasacciones de letramento enelproyecto de extensión Capoeira y Letramento de Resistencia (CALERE) desarrollado a lo largo de los años 2016 y 2017 enelbarrioCiudadconDios, Camocim-CE. Apoyado por el Sector de Asistencia de Estudiantes del IFCE, campus Camocim y por el grupo de Capoeira Regional Maestro Avila, lasaccionesdelproyecto, a través del método de lacartografía intervencionista, visan al fortalecimientodelentrelazamiento entre laformación de niños y jóvenes de esta comunidad como capoeiras, sus debates identitarios y conciencia crítico y reflexiva a partir de lasprácticas de letramento. Además, se oportunizó que los estudiantes becarios del proyecto en formación de docencia pudieran tener contacto con prácticas de enseñanza y aprendizaje para más allá del canon estructuralista, contribuyendo para su formación crítica.

Palabras-clave: capoeira; letramento de resistencia; enseñanza

INTRODUÇÃO

O artigo “É “a” de atabaque, é “b” de berimbau, é “c” de capoeira: capoeira e letramentos de resistência no bairro Cidade com Deus em Camocim-CE” é fruto de um projeto de extensão, chamado Capoeira e Letramentos de Resistência (CALERE), que vem sendo desenvolvido nos anos de 2016 e 2017 por estudantes de Letras do IFCE campus Camocim apoiado pelo Setor de Assistência Estudantil (SAE) desta unidade de ensino e pelo Grupo de Capoeira Regional Mestre Avila.

Figura 1. Projeto CALERE



Fonte: arquivo do CALERE – 20 de agosto de 2016



Trata-se uma ação interventiva com os estudantes do IFCE do curso de Letras Português-Inglês que vem realizando encontros com crianças e adolescentes da comunidade do entorno da unidade em uma proposta de integrar capoeira e letramento a partir dos conteúdos trazidos pela capoeira.

O projeto surgiu a partir do contato com a comunidade, através de ações de cursos de Formação Inicial e Continuada, pelas conversas, pelo relatório de Territorialização produzido pela assistência estudantil do campus, pelos eventos abertos à comunidade e outros contatos que, de uma maneira geral, propuseram que a comunidade vê no IFCE uma escola de produção de saberes e excelência distante deles. Apesar de nossos esforços e avanços, nossa unidade surge ainda para esse segmento como um lugar para além de suas aspirações, ou seja, muitos destes sujeitos julgam-se por vezes distantes para uma aproximação com o Instituto.

Desta maneira, através do método da cartografia intervencionista, no presente artigo discorreremos acerca deste projeto de intervenção como proposta intervalar em que se possibilita a crianças e adolescentes da comunidade à vivência do ser capoeira e de forma imbricada aborda os letramentos necessários para essa constituição capoeira, uma aproximação afetiva e significativa ao IFCE e, por outro lado, proporciona aos futuros docentes o contato-reflexão sobre metodologias e fundamentações para além do cânone linguístico estruturalista, oportunizando-lhes um processo de formação docente crítico da realidade em que a constituição de “quem se é” importa no quê e por que aprender – um aprender significativo e reflexivo.

O processo metodológico apoia-se no processo denominado Intervenção Cartográfica e vivência/coleta de dados (Deleuze; Guattari, 1995; Passos; Kastrup; Escóssia, 2014), que consiste basicamente em suplantando determinadas concepções clássicas da noção de método, uma vez que não se toma mais os participantes como objetos à espera da ação, mas sim como sujeitos históricos ativos.

Desse modo, o percurso metodológico preza por uma ideia de geração de sentido em curso em que nós mesmos, proponentes, colaboradores, estudantes e participantes, fazemos parte do processo em um regime de remissões e reconstruções estratégicas do Projeto de Letramento que propomos, procurando tornar a mediação fluida e plástica, conforme as urgências do processo.



Falamos muito mais em uma postura cartográfica e integracionista que não seja tomada como um *método de análise per se*, mas uma postura de perceber os múltiplos *jogos* que compõem a linguagem, e, por conseguinte, as múltiplas formas de comunicar, construir/lutar pelo sentido em um percurso acêntrico, rizomático (Deleuze; Guattari, 2009), (Passos, Kastrup; Escóssia, 2014).

No artigo, narramos a vivência de sentidos gerados nesse percurso, discutindo questões de pertencimento e reflexões de identidade quanto à cultura negra por parte dos participantes, procurando também discutir o amadurecimento linguístico destes participantes ao assumir o papel de capoeiras e seus diversos letramentos.

CAMOCIM: POTE DE HISTÓRIAS

A construção de um lugar é uma intenção política e como tal contextualizar um lugar, um espaço é hierarquizar relações, é revelar, escamotear sentidos. Desse modo, passamos a tratar da cidade de Camocim, cidade em que desenrola nossa pesquisa a partir de um narrar, de um gerar sentido em trânsito, um contar e escutar. Uma narrativa que desponta como uma intenção política, um pensamento fronteiriço, uma *oração de revivamento*, que procura evitar o semicídio “a palavra forjada pela classe dominante contém em si o extermínio real de vidas” (Sodré, 2005, p. 7).

Trata-se de uma marcação inicial que procura uma aproximação com o que seja esta cidade; a narrativa surge como uma proposta de conhecimento da cidade pelo viés de um *discurso segundo, um discurso nativo*, a partir de uma voz outra que não é o dado meramente científico-racionalizante da estatística, da mensuração oficial; como corrobora Grosfoguel (2010, p. 463) “Não se trata de fazer estudos sobre uma perspectiva subalterna, mas além de ter uma perspectiva, fazer estudos com subalternos”. Trata-se de uma política de narratividade, uma forma comprometida politicamente com o narrar,

Podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político. (Passos; Barros, 2014, p. 151).



AMOR-TE: CAMOCIM UM LUGAR

E era setembro, uma enorme embarcação deslizava calmamente pelo Rio da Cruz, aproximava-se da nação dos Tapuius. A nave era imensamente maior que as igaras dos tapuius e isso os estranhava. A nau avançava com sua tripulação de batavos, sob o olhar assustado dos curumins que pescavam seus corós, sob o olhar em ristedos mais velhos que apontavam suas flechas para a enorme igara que chegava.

Era o tempo das disputas de terras no nordeste entre as metrópoles europeias; a enorme nau, a mando do Conde Mauricio de Nassau, tinha a missão de edificar um forte e lançar relatório acerca da terra próspera em que chegara. A nau, capitaneada pelo comandante Clyut e seu tenente Jacob, conseguiu contato com os nativos em uma relação instável de temor e respeito, promovida pelo cospe fogo e ronco de trovão que carregavam.

Havia muita desconfiança naquela pretensa harmonia e, então, às vésperas do retorno da missão em triunfo, brancos e nativos realizaram festa de despedida. Durante a festa, ao toque das mãos, Jacob apaixonou-se por Natira, filha do chefe tapuiu Tiúma. A bela virgem era amada platonicamente pelo guerreiro tapuiu Guarassy e este, amado por Moema, a irmã de Natira.

Sob as sombras da noite, Natira e Jacob amavam-se e consumaram seu amor no silêncio das matas. Guarassy, suspeitando do envolvimento de sua amada com Jacob, segue Natira e flagra toda a posse do amor e jura vingança. Sem nada contar ao chefe Tiúma, Guarassy armou emboscada noturna contra a tripulação, sendo acompanhado por vários nativos que também tinham a vontade de pôr fim a aliança com o estranho.

Protegidos pelas sombras da noite e silvos da mata, a comitiva chefiada por Guarassy deram cabo à vida de todo o estranho, menos de um batavo que mereceria castigo e morte lenta das mãos do próprio Guarassy.

Preso e bastante torturado com flechadas, era chegado o último castigo de morte, a castração de Jacob. Natira, desconfiada da trama de Guarassy, foi guiada pelo amigo Tupã até o local da tortura e escondida na mata, em defesa da vida doamado, dispara flecha certa contra o conhecido Guarassy, irmão de tribo e o mata, matando também outros nativos que dispararam contra ela.



Não vendo mais sentido na luta, pois agora era travada entre irmãos, o restante dos nativos foram embora. Jacob agora embalado por Natira ainda respira, mesmo extremamente ferido. Nesse instante surge tropel de guerreiros e a sua frente vê-se o pai de Natira, Tiúma.

O chefe, seguindo conselho da tribo, adverte Natira que a pena por matar um conhecido, um irmão, é a morte e que qualquer irmão agora poderá matá-la, mas, por ser sua filha, terá o direito de fugir com o estranho e, se viver, poderá morar com ele renegada pelos seus, caso ele morra, que viva sozinha e o enterre longe dos seus.

Natira foge, tramando chegar em Juraracoara, futura Jericoacoara, que na sua língua queria dizer buraco das tartarugas, mas, em meio a uma tempestade, sua igara aporta em um lugar salvador com peixe e frutas, era uma ilha. Jacob se recupera aos cuidados de Natira e logo fecundam a terra com sua descendência, a qual passa a ser chamada de Tremembés.

O casal e seus descendentes mudam para a outra margem da ilha e a deixam apenas como reduto de lembrança de seu encontro e amor, passando a voltar a ela na intenção de amor e lembranças.

O casal então nomeia a ilha de Ypaumoraussuba, que quer dizer na língua nativa, ilha do amor. Na outra margem do Rio da Cruz, para onde se mudaram, eles edificaram cidade e lá morreram e foram enterrados, passando a cidade a chamar-se Camocy, que quer dizer pote, lugar onde se enterra defunto.

Diz-se que quem tomar o caldoso peixe coró, o qual muito tomavam o casal Jacob e Natira, apaixonou-se por Camocim e passa de estranho a conhecido, de fora para de dentro. E ainda hoje casais abraçados na praça da Ilha do Amor são vistos contemplando a lua, que surge por detrás da Ilha, irradiando a mesma luz dos tempos de Natira e Jacob.



Figura 2. Ilha do Amor em Camocim



Fonte: <http://blog.baratocoletivo.com.br/blog/praias-ceara/page/2/>. 15 de out 2017

A narrativa em pauta trata-se de uma das lendas que permeiam o imaginário da cidade de Camocim quanto a sua origem. O texto é uma adaptação do conto Lenda da Ilha do Amor de Camocim-Ce do escritor e poeta camocinense Raimundo Bento Soterro.

Não se trata de deslegitimar os dados institucionais – população, taxa de natalidade, mortalidade etc. – na síntese da razão instrumental, este aparato sistêmico também compõe um mapa conceitual relevante do que seja a realidade social, no nosso caso, a cidade de Camocim. Afinal de contas, os discursos por mais hegemônicos que sejam são produzidos no social, são forjados na/pela linguagem e carregam a possibilidade da crítica e da desestabilização.

Em última análise, não se trata de jogar fora toda uma tradição epistêmica, de fato, isto seria outro falseamento; pensa-se mais em desconfiar e agir, intervir, sobretudo criticamente sobre este sistema-mundo que quer ser visto como a única forma de conhecer-dizer.

É preciso ter em mente que a narrativa acima está fora do quadro referencial de verdadeiro ou falso; ela também aponta para a reivindicação e empoderamento de um Nordeste como território étnico indígena e quilombola, problematizando o mito de nossa origem exclusivamente de trabalhador rural e caboclo atrelada ao nordeste.

Problematizamos, por extensão, o mito da historiografia hegemônica da não presença negra no estado do Ceará, quando estudos recentes, baseados em outras fontes



e tradição oral, atestam a presença e consequente legado histórico de negros e negras no Ceará (Cunha Júnior; Santos, 2013).

Ressaltamos que a presença de um texto, fora dessa ordem racionalizante, advoga a importância neste trabalho da simbiose conteúdo-forma como resistência, em que o mito fundador nativo proporciona ao leitor deste trabalho um primeiro contato com uma outra cosmogonia, uma outra possibilidade de entendimento cultural, uma vez que os significados que temos de cultura são instáveis e assim “atuam concretamente como instrumento das modernas relações de poder, embricados na ordem tecnoeconômica e nos regimes políticos de tal maneira que o domínio dito ‘cultural’ pode ser hoje sociologicamente avaliado como o mais dinâmico da civilização ocidental” (Sodré, 2005, p. 8).

Desse modo, a estabilidade de um sentido para cultura atrela-se à ordem de poder(es) que pretensamente universal, neutra, multicultural, *tolerante* que estabelece regimes de verdade. Em última análise, Natira e Jacob realmente são seres existentes e resistentes, existem-existiram em uma cosmogonia; sua trama de amor-morte, morte-amor e sua simbiose *amorte* talvez tenha mais eco no que sejam os camocinenses, talvez mostre mais de que lugar falamos, faça mais sentido do que seja Camocim: *pote dos mortos*.

Cabe nesse mesmo campo cosmogônico, problematizarmos a noção de pertencer-pertencimento a um lugar, pelas teias do simbólico, em que a certeza da paixão e permanência dialogam com a ação fisiológica ressignificada de tomar o caldo do coró. Comer-beber é ter uma experiência de iniciação corpórea para se transitar do estranho – o de fora - para o conhecido – de dentro. Assim, talvez a narrativa mostre muito mais que lugar é esse Camocim, o qual convida/exige uma atitude de iniciação, fisiológica para ser aceito como ex-estrangeiro.

Talvez a narrativa valha mais em termos de entender por outra racionalidade: a do corpo (Mattos, 2015; Silva, 2004; Sodré, 2002, 2011), a da poesia, um lugar de preenchimentos de vazios (Sodré, 2005). Questiona-se o eco de escritura pretensamente universal e de grau zero do discurso canônico (Grosfoguel, 2010).

Voltando a narrativa inicial, vale destacar, então, que as narrativas também são uma intenção de movimento cartográfico que situa, ao mesmo tempo, a intenção do pesquisador em *escolher* um ponto de vista de contar, como também problematiza a fala



subalterna. Essa intenção não se trata de simplesmente enaltecer uma antropologia *relativista absoluta*, em que se tem a “idéia de que linguagens são intraduzíveis, emoções incomunicáveis e paradigmas incomensuráveis” (SÁ, 2010), fadadas a ocupar um lugar de ex-ótico, ex-cêntrico, signo aberto a qualquer significação. Definitivamente não se trata de postular Camocim, em última análise, como o terreno do de fora (exo), exótico-inefável.

Trata-se de empoderar uma voz e um amor pelas vozes: uma cosmogonia primitiva indígena-negra. De fato, a narrativa do nascimento de Camocim, exposta como uma das lendas que permeiam o imaginário da cidade, aponta para uma tentativa de aproximação cartográfica entre o nascimento de Camocim e uma intenção fundante.

O texto, como já dito, é uma adaptação do conto **Lenda da Ilha do Amor de Camocim-Ce**, nele procuramos construir um ponto de fuga inicial: a origem de Camocim está intimamente ligada ao litoral. Camocim se situa no litoral da região norte do Ceará, terra que, pela sua própria etimologia – pote de enterrar defunto – traz a profunda raiz indígena dos Tremembés, povos que circundavam a região e realizavam comércio com navegantes franceses no século XVI (Bandeira, 2013).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Pesquisas e Estatísticas (IBGE), censo 2010, Camocim desponta nos quadros institucionais como uma das 184 cidades-municípios do Estado do Ceará. A cidade é famosa por sua extrema beleza natural de praias, dunas e a famosa Ilha do Amor, localiza-se na região Norte do estado, fazendo divisa com as cidades de Granja (ao sul), Barroquinha (ao oeste), a cidade de Jijoca e sua internacionalmente conhecida praia de Jericoacara (ao leste), Bela Cruz (também ao leste) e o oceano Atlântico (ao norte). Ainda segundo os dados do IBGE, a cidade tem atualmente 62 mil habitantes e uma extensão territorial de 1.124,782 km². Camocim tem em sua história, conforme Santos (2013), uma forte ligação com o mar, conforme a atividade de pesca de diversas famílias locais, o intenso desenvolvimento ligado ao porto de Camocim e a estrada de ferro Camocim-Sobral.

Vivemos na cidade em que o pote e a canoa surgem como representação. O pote estampado nas fotos, na forma das lixeiras, nos sites e blogs que falam de Camocim, a canoa com monumento na entrada da cidade. Trata-se da representação de pote e vaso que nos intriga na etimologia Camocim, *cambucy, camucym ou camotim*, de



origem Tupi Guarani, como lugar de enterrar defunto ou pote de água ou pote em geral, segundo afirma a comunidade e se tem registrado nos dicionários etimológicos.

A cidade constrói-se para nós com suas pistas de agenda política como cidade do interior entre abrir-se para o turismo e resguardar-se dos possíveis perigos dessa abertura. Vemos sua orla de beleza sem fim, fascinante no encontro mágico entre o mar e o rio Coreaú. Vemos seu interior rural e campesino, sua imensa frota de barcos coloridos ancorados na orla com os nomes de mulher estampados. O sino soando por volta das seis horas da tarde chamando para a missa na igreja matriz. As várias igrejas evangélicas e seus cultos em vários bairros da cidade. O contraste entre paredes de som em carros de luxo e pessoas dormindo em calçadas, a praça com o avião doado pela FAB, a casa azul onde nasceu o filho ilustre Pinto Martins, patrono da aviação no Ceará, a prefeitura na antiga Estação Ferroviária, a rodas de capoeira.

O BAIRRO CIDADE DE DEUS: SEM DEUS?

Grupos, pessoas e instituições surgem dentro de contextos, numa relação íntima com o lugar e a história que os sujeitos aí convivem. Os sujeitos dão sentido às suas experiências de vida e de mundo no encontro entre as pessoas. São processos sociais, históricos, subjetivos.

O projeto de extensão CALERE, que ora tratamos neste artigo, quando analisamos seu histórico de criação e desenvolvimento, surgiu de diferentes movimentos para situá-lo numa proposta metodológica, conceitual e vivencial. Surgiu de um compromisso nosso em fomentar uma atividade que pudesse levar o veio extensionista ao IFCE campus Camocim, bem como trazer um propósito de desenvolvimento por uma educação transformadora e viva.

O embrião desta atividade surgiu no ano de 2015 num momento em que o campus Camocim havia sido recentemente implantado no município, mais especificamente no bairro Cidade com Deus. Neste período a instituição estava num processo de criação de cursos e consolidação de sua imagem institucional frente à municipalidade.

Esta localidade há anos vinha sofrendo com um processo de estigmatização por conta dos altos índices de vulnerabilidade social e falta de acesso a recursos básicos



como água e energia elétrica, sua localização distante dos calçadões nobres da orla da cidade, daí uma alcunha pejorativa de “Cidade sem Deus”.

Por conta da falta de equipamentos sociais de lazer e convivência, grupos de jovens se reuniam frente ao instituto, sentados na calçada, camuflados nas penumbras das árvores, buscavam acessar a rede de *wifi* livre da unidade. A partir dessa constatação, pensamos em chamá-los para conhecerem o campus com exibição de audiovisuais, oficinas temáticas e atividades socioeducativas. Eram temas diversos que sondávamos de acordo com as demandas do grupo. Iniciou-se um processo de aproximação, de conquista, de busca de construção de confiança e afetos.

Paulatinamente, percebíamos que a cada encontro chegavam novos integrantes, como também curiosos, que vinham conhecer o projeto. Foi um primeiro contato em que percebemos a importância dos moradores do bairro se aproximarem do campus. Essas ações eram conduzidas pelo Setor de Assistência Estudantil, visando à formação de grupo e fortalecimento de vínculos. Após esse primeiro laço de afeto, ano de 2016 resolvemos tomar um passo adiante quando conseguimos fomento para o projeto via Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT/PAPEX do IFCE).

Neste momento, a ação de acolhimento toma um traçado metodológico com temáticas específicas ligadas a práticas de letramento e capoeira. Percebemos que a capoeira propunha uma abertura de aproximação e conquista, fortalecimento de permanência através da prática esportiva, do lazer e da educação pela capoeira. Para a efetivação desse diálogo, foi realizada a parceria com o Grupo de Capoeira Regional Mestre Ávila, bem como a inserção de professores e estudantes bolsistas do curso de Licenciatura em Letras.

Foi o início das primeiras experiências de letramento a partir da concepção de Kleiman (2010) e de se pensar nos atravessamentos entre a capoeira e de como isso reflete nas atividades de letramento. A nossa proposta procurava integrar os elementos da cultura afro/índigena e da capoeira com os letramentos.

Em vista da continuidade das ações em 2017, atingimos um estágio de consolidar as ações. Foi um passo importante, pois percebemos um fortalecimento maior dos vínculos da instituição com a comunidade do entorno, bem como pudemos fortalecer as metodologias de abordagem mais alinhadas à complexidade do projeto.



Outras parcerias foram realizadas como uma aproximação com a Associação de Moradores do Bairro Cidade com Deus/Jardim das Oliveiras em que a instituição realizava cursos de extensão para os moradores, cursos em que muitos participantes eram mães/pais dos estudantes do projeto.

CAPOEIRA RESISTÊNCIA E AMBIGUIDADE

Acerca da capoeira trata-se de uma prática cultural de matriz negra que agrega elementos da cultura africana e brasileira, provavelmente gestada na interrelação Brasil – África, portanto, afro-brasileira, no período escravocrata brasileiro (Rego apud Fontoura; Guimarães, 2002).

A capoeira, como atividade híbrida entre dança, coreografia e arte marcial, tem sua gênese etimológica ligada à fusão da palavra banto *caá*: mato, floresta virgem e a palavra *puêira* pretérito, significando algo que era, uma marcação de passado.

Outra interpretação associa o termo aos cestos que portavam os negros e negras para comércio variado, desde transporte de pequenos animais, utensílios, comida nas feiras nos cestos chamados de capoeira.

Segundo Vidor & Reis (2013), a gestação da capoeira remonta ao período em que o negro usava seu corpo como arma para empreitar fugas para os quilombos ou como defesas contra os capatazes ou contra outros negros.

Apesar desta natureza de luta, o caráter híbrido sempre esteve presente nesta arte uma vez que entre jogo, brincadeira e luta, a capoeira tem sido uma prática de difícil definição, indomável. No entanto, para a lei no século XIX “a capoeira é retratada principalmente como luta. Podemos talvez afirmar que o aspecto lúdico da capoeira era, acima de tudo, uma estratégia política para disfarçar seu aspecto combativo na sociedade escravista” (Vidor; Reis, 2013, p. 41).

Vale destacar que a capoeira como outras manifestações da cultura negra - lutas, danças, batuque, candomblé e outras - eram entendidas como parte da desordem, passíveis de serem punidos, estigmatizados e invisibilizados em todo o Brasil (Vidor; Reis, 2013).

Destacamos, por exemplo, o enquadrando da prática da capoeira como vadiagem, desordem feita por vadios, mendigos, nos artigos 295 e 296, localizados no

Capítulo IV, intitulado de *Vadios e Mendigos*, do Código Penal do Império do Brasil de 1830 (Tonini, 2008). Eram criminosos, segundo o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil de 1980, artigo 402, inscrita no livro III, capítulo XIII em que se definiam quais eram as contravenções penais, dentre elas a capoeira (Tonini, 2008).

A capoeira, como outras manifestações da cultura negra, surge assim como um complexo intercruzamento de elementos culturais que sinalizam para uma resistência do povo negro à diáspora global forçada aos povos da África que escravizados tiveram seus regimes familiares, seus modos de produção, suas crenças e mitologias desarticuladas, segundo um avanço imperialista ocidentalista.

Nos dias atuais, a capoeira é praticada em mais de 150 países, espalhada nos cinco continentes do planeta. A sua globalização, quase sempre feita sem nenhum incentivo governamental, tem se dado no caráter de resistência dos mestres capoeiras que atuam como verdadeiros difusores da língua e cultura brasileira pelo mundo, de fato, embaixadores informais da cultura brasileira.

É esse jogo de mandinga e malícia que nos chega hoje a capoeira com o som e ritmo do berimbau, as batidas do atabaque, as palmas, os movimentos acrobáticos dos capoeiristas.

Em síntese, trata-se de uma prática que comportaem sua amplitude a aprendizagem do lúdico, fantasia, poesia, música, atividade corporal. Prática que tem significativa presença na Cidade de Camocim, como a relação de mais de vinte anos da cidade com a prática (Cf. Cordeiro, 2015).

LETRAMENTO E CAPOEIRA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

A linguagem humana de uma forma geral tem sido, durante muito tempo e ainda nos dias atuais, vista como mero instrumento mediador, um canal que pudesse comunicar, trazer à tona, materializar pensamentos e desejos de nossa mente. De fato, essa visão deixou de lado uma das mais importantes características da linguagem, sua capacidade de ser construtora da sociedade e das pessoas (Austin, 1990). Acreditamos que, na verdade, ao nos enredarmos em diferentes práticas com a linguagem não apenas a usamos, mas somos na linguagem, criamos a nós mesmos e o mundo social que nos cerca (Rajagopalan, 2010).

É essa dimensão da linguagem como constituidora de identidades e como prática social que abre espaço para pensarmos em Práticas de Letramento como as diferentes formas que os sujeitos sociais praticam ações de ler e produzir textos em diferentes situações sociais, como a produção e leitura de textos em suportes impressos e cibernéticos, diferentes gêneros no universo do papel impresso ao universo virtual da *internet*. Nesta perspectiva, diferenciamos as Práticas de Letramentos daquelas conhecidas como Práticas de Alfabetização.

Em linhas gerais, as Práticas de Alfabetização fazem parte de uma ortodoxia escolar que tem concebido o ensino-aprendizagem da leitura e produção de textos como uma habilidade e competência individual do estudante, o qual progressivamente, ao longo da vida escolar, vai acumulando conteúdos e performances dentro da instituição escola até alcançar a competência de um leitor ideal, deixando de lado de certa maneira o repertório cultural prévio do estudante e toda sua habilidade linguística e discursiva de lidar com situações reais com a linguagem em textos orais, escritos, híbridos e multimodais.

Desse modo, o entendimento do ensino-aprendizagem de textos em âmbito escolar não deixa de ser importante, este representa uma forma de letramento: o **letramento escolar**. Dizemos que na escola ao estudante em alfabetização é solicitado demonstrar sua capacidade individual de “realizar todos os aspectos de determinados eventos de letramento escolar, sejam eles soletrar, ler em voz alta, responder perguntas oralmente ou por escrito, escrever uma redação, fazer um ditado, analisar uma oração, fazer uma pesquisa” (Kleiman, p. 05, 2007).

A questão crucial entre alfabetização e letramento reside no fato de que os currículos formalizados tendem a reduzir toda a multiplicidade de letramentos da vida ao letramento da escola. Nesta perspectiva, conforme postula Kleiman (2007), esquece-se a multiplicidades de letramentos como socialmente motivados e que as práticas sociais são, de fato, o ponto de partida e de chegada das ações de letramento, no nosso caso, a prática social capoeira e seus múltiplos fazeres.

Desse modo, é preciso ocorrer uma mudança de paradigma que consiste em focar muito mais na prática social que regras e conteúdos, agindo assim, passamos a cotejar o letramento da comunidade enquanto coletividade da pessoa enquanto ser social e individual, aposta-se no currículo contextualizado e significativo. Dessa quebra de



paradigma, surge uma nova pergunta pedagógica orientadora: quais são os textos significativos para as crianças e jovens do bairro Cidade com Deus em Camocim-CE?

Procuramos, portanto, reafirmar a ideia de que o ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa trata-se de uma complexa relação com a vida social dos estudantes, procuramos deixar de lado a ideia de que o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa é meramente corrigir “erros” na relação letra-som, reconhecer dígrafos, encontros consonantais, elementos coesivos e outras “dificuldades ortográficas”.

Essas práticas de letramentos (no plural) evidenciam que existem ações sociais que motivam os sujeitos a produzir e ler textos, essas ações são entendidas como pensa Souza (2011) em levar em consideração que determinadas práticas de Letramentos podem ser também tomadas como **Práticas de Letramentos de Resistência e Reexistência** uma vez que os sujeitos não somente se mobilizam para produzir e consumir textos orais, escritos e multimodais, mas se mobilizam também para ser identitariamente através desses textos. Essas ações sociais, em que práticas de letramento estão imbricadas, são reconhecidas por Souza (2011) como agências de letramento.

Dentre estas agências de letramento, vislumbramos o movimento cultural de capoeira que tem, conforme Cordeiro (2015), forte adesão entre os jovens da cidade, em que grupos sociais locais têm proposto há mais de vinte anos na cidade a capoeira como forma de resistência da cultura negra.

Dizemos que escutar a canção “Paranauê, Paranauê, Paraná”, quase sempre faz com que as pessoas se lembrem da capoeira e saibam, por mais distantes que possam ser da prática ou de sua literatura, que se trata de uma roda de pessoas cantando, dançando ou lutando, usando alguns instrumentos como o berimbau, pandeiro e que a prática guarda alguma relação com a cultura negra e escrava.

Dizemos que aprender a jogar capoeira é letrar-se como capoeira, ou melhor, para jogar é preciso viver a capoeira e para vivê-la é preciso entrar em seu universo de simbolismos e de letramentos. Letramento entendido nesse projeto como prática política na linguagem, política por lidar com questões de subalternidade e resistência negra e afro-descendência.

A exemplo da diferença de letramento e alfabetização, tomemos o fato de que recentemente a receita, o bilhete, o rótulo, o e-mail e outros gêneros passaram a ser alvo

das sequências didáticas ditas modernas dos livros didáticos, sendo frequentemente utilizados para alfabetizar. No entanto, é preciso uma reflexão de como se dá realmente essa abordagem “inovadora”, conforme pondera Kleiman,

Ensinar a um grupo de crianças a ler ou escrever uma receita, ou um rótulo, sem ter construído um contexto que justifique sua leitura ou escrita, em atividades que poderiam perfeitamente ser feitas com outros textos (não precisamos de um rótulo de leite condensado para procurar o M de Moça, por exemplo) produz o efeito de uma tarefa sem sentido e, portanto, muito mais difícil do que aprender a letra M na cartilha, no contexto de muitas sílabas e palavras com essa letra. (Kleiman, 2007, p.18)

A capoeira, por este ângulo de análise, apresenta-se como esse contexto de produção (agência de letramento), o espaço de aprendizagem complexo de múltiplas formas de letramentos, como ler textos escritos na internet e impressos, materializados em gêneros como músicas; ladainhas, coros, biografias de mestres, contos de capoeira de antigos mestres como Besouro, manuais com figuras e desenhos de golpes e movimentos, os vídeos na internet com descrição de movimentos, as produções textuais de músicas, resumos da vida dos mestres, ficha de inscrição, as produções orais como cantar, discutir pontos de vista e tantas outras práticas ensejadas pelo momento de vivência da capoeira, portanto, imprevisíveis.

Em síntese, conjugar letramentos de resistência e capoeira são formas de potencializar a aprendizagem da Língua Portuguesa e oportunizar a vivência da linguagem enquanto politicamente comprometida.

PERCURSO METODOLÓGICO

Frisamos, inicialmente, que nosso percurso metodológico se trata de um percurso em Linguística Aplicada e, como tal, a partir de que lugar da abordagem em Linguística Aplicada falamos?

Falamos a partir da problematização de que, com avanço e atravessamentos de outras teorias, a Linguística Aplicada tem atualmente caminhado para o entendimento de que o linguista aplicado constrói percursos metodológicos próprios, ao mesmo tempo em que sustenta essa abertura como incorporação de outras formas de saber; as quais



têm passado de forma drástica pelo crivo de uma apreciação ética (Alencar; Silva; Ferreira, 2014, Moita Lopes, 2006).

Outro importante aporte metodológico é o processo de Intervenção Cartográfica (Passos; Barros, 2014), que consiste basicamente em suplantar determinadas concepções clássicas da noção de método, uma vez que não se toma mais os participantes como objetos a espera da ação, mas sim como sujeitos históricos ativos. Desse modo, o percurso metodológico preza por uma ideia de geração de sentido em curso em que nós mesmos, proponentes, colaboradores, estudantes e participantes, fazemos parte do processo em um regime de remissões e reconstruções estratégicas do Projeto de Letramento que propomos, procurando tornar a mediação fluida e plástica, conforme as urgências do processo.

Assim, nesta ação extensionista temos lidado com o método cartográfico e, a partir desta abordagem, temos estado, ao longo desses dois anos da ação junto aos sujeitos. Portanto, procuramos a construção de uma narrativa politicamente comprometida, assumindo-nos como cartógrafo-aprendiz (Passos; Kastrup; Escossia, 2014).

Assumimo-nos como pesquisadores que não estamos sobre os fatos, mas com as pessoas que estão em plena realização de suas vidas. Vale destacar, por mais óbvio que possa parecer, que é preciso não esquecer que a vida dos participantes da ação estão para além de nossa intervenção, elas se abrem para outras ideias, outras necessidades, outras agências de letramentos para além das questões aqui postas. A arrogância do nosso lado de cá - academia e seu saber - quer nos enfeitiçar e fazer ver que as pessoas são personagens, congeladas nas letras que seguem; é preciso cantar “viver é melhor que sonhar [...] mas também sei que qualquer canto é menor do que a vida de qualquer pessoa” (Belchior, 1976).

Nessa argumentação, não se pode definir um conjunto finito de práticas sociais - de letramentos ou não - como capazes de englobar a identidade de qualquer ator social. No entanto, como lembra Reis (2004), sabemos seguramente que a capoeira e seus fazeres (práticas) sempre foram tidos como culto popular, de baixa linha, mítico, representante de uma forma de ser e saber presos a um modo subalterno de pretos, mulatos, trabalhadores braçais, iletrados, arruaceiros, malandros e vagabundos,



portanto, trata-se de um modo de vida ‘de baixo’, inferior ao discurso pretensamente sistematizado e científico.

O artigo procura, como sugere Spivak (1995), que é possível um compromisso de não falar por alguém, mas que a tarefa do intelectual é criar espaços em que eles, elas mesmas, as pessoas possam dizer estamos aqui e apresentar um diálogo.

Acerca dessa questão, ver a discussão que o professor Hélio Campos – Mestre Xaréú – faz em sua obra *Capoeira na Universidade* (2001), debatendo o preconceito científico, elitismo intelectual, preconceito social e de raça quanto à entrada da capoeira na universidade.

Mas afinal, o temos em mente ao falar em compromisso? Cito o trabalho etnográfico, desenvolvido por Souza (2011) com um grupo de *hip-hop*. Em seu trabalho, a pesquisadora também questiona

Em que consiste esse compromisso? Em simplesmente agradecer pelos depoimentos e entrevistas obtidos? Se alguma vez acreditei que isso era suficiente, os sujeitos de minha pesquisa me disseram em alto e bom som: ‘Não’. [...] ‘Não queremos mais ser retratados como objeto de pesquisa para acadêmico vir aqui ganhar título’. (Souza, 2011, p. 20-21)

De fato, a ideia de compromisso deixa entrever um posicionamento crítico frente a uma ampla rede de hierarquia de saberes em que se questiona o próprio lugar do pesquisador, de seu saber intelectual, da *autorização* da instituição academia e o lugar subalterno em que se inscrevem os sujeitos moradores do bairro Cidade Com Deus.

Portanto, os dados que levantamos aqui não estão lá no mundo social congelados ou em estado de latência para serem desvelados pelo *estrangeiro* da academia como um passe de mágica. De fato, como sintetiza Souza (2011, p. 20) “os discursos não estão prontos para serem acessados; eles são construídos nas interações entre pesquisadores e pesquisados, o que nem sempre se dá em um passe de mágica, como por vezes pensam alguns setores da academia”.

Desse modo, não é o simples fato de que a utilização de uma postura cartográfica possa desvencilhar-se da arrogância da academia em sua pretensa superioridade em relação às comunidades e pessoas *investigadas*. Devemos ter em mente que o que vai diferir fundamentalmente cartografia de uma etnografia positivista



clássica é o fato de como os procedimentos podem propor pistas para um mapeamento de processos e intervenção.

Ainda nessa linha de atitudes cartográficas, somadas ao legado dos Estudos Culturais, é preciso evitar o *miserabilismo* como uma construção de sentido na complacência acrítica que surge em certas pesquisas sociais. Por vezes, o intelectual comprometido acaba por ultradimensionar seu papel na rede saberes e cai em um populismo ingênuo (Mattelart; Neveu, 2004). Como também corrobora Alencar (2014, p.86).

Contudo uma das tendências que costuma envolver os pesquisadores em Estudos Culturais é um populismo ingênuo que celebra a supremacia das práticas culturais populares, conferindo uma autonomia tal a seus praticantes, uma soberania tal a suas significações e aos prazeres dos receptores, ao ponto de não questionarem as condições materiais de produção e circulação dessas significações e as instituições através das quais esses discursos são apropriados e reproduzidos. Uma análise linguística da cultura, que leve em conta as determinações históricas, as operações de poder, sem deixar de lado os relatos concretos, pode ser um antídoto a esse populismo. (Mattelart; Neveu, 2004)

Somada a esta aposta cartográfica de intervenção, propomos a ideia de Projeto de Letramento que tem como roteiro de mediação pedagógica as sequências didáticas. Estas são aqui entendidas como pensam Félix e Zironi (2010), como um conjunto de procedimentos sistemáticos didáticos, planejados a fim de mediar a aprendizagem-prática de gêneros textuais em situações de uso autêntico de letramento, compreendido em uma estrutura básica de apresentação da situação; primeira produção; módulos e a produção final. Passíveis a todo momento de ruptura e refazer, conforme as urgências do processo em vida.

Como cada módulo do projeto é executado em um semestre, pensamos para cada mês uma sequência didática contextualizada às categorias de faixas etárias dos participantes: crianças (grupo A) e adolescentes (grupo B).

Abordamos em cada uma destas sequências um gênero textual ou conjunto de gêneros como base, como diálogo ao processo de aprendizagem da capoeira, conectado a um tema transversal como higiene, sexualidade etc, como segue. Vale destacar que não são os gêneros abaixo listados que orientam o fazer “ser capoeira”, mas são englobados-constituídos-constituintes no/do fazer, entendemos que são gêneros como práticas sociais em que o capoeira faria uso em situações reais de vida ao viver a capoeira como



assistir a vídeos sobre capoeira na internet, discutir sobre capoeira em redes sociais, escrever ladainhas e coros e saber de sua estrutura de versos e rimas. Portanto, a lista abaixo serviu como geração de sentido e caminho a ser compartilhado, pistas como prevê a cartografia:

✓ Prática de Letramento – Gênero Base: Memória em Diário e biografia – tema transversal – Família e a simbologia da capoeira como família e discussão de auto-valor – as cores das cordas. Produção de escritos e relatos orais sobre família, teatro, esquetes, pinturas, o grupo de capoeira como um família, músicas de capoeira que abordem família etc. Para as crianças do grupo A, em fase de prescrita, as atividades podem ser feitas em forma de desenhos e produção oralizada.

✓ Prática de Letramento – Gênero Base: Mapas do bairro e rua - tema transversal Drogas e violência – a capoeira como jogo de não violência. Produção de mapas com textos escritos e relatos orais sobre combate a drogas e violência, falar sobre seu bairro, ressignificar histórias, desenhar ruas e espaços. Confrontar com o mapa da Bahia na época de mestre Bimba, Pastinha e outros mestres.

✓ Prática de Letramento - Gênero: Pintura no computador e tela – tema transversal – Higiene para a vida e higiene do capoeira. Produção de desenhos através de colagens a partir da web. Para as crianças do grupo A, em fase de prescrita, as atividades podem ser feitas com auxílio das bolsistas com recorte e colagem. Gênero em cibercultura: vídeos explicativos de capoeira, descrição de movimentos, conversas em *Whatsapp* e *Facebook* sobre capoeira, troca de mensagens-textos.

✓ Prática de Letramento - Gênero: Músicas de capoeira – tema transversal – Alimentação saudável – comer bem para prática da capoeira. Comida como mediação simbólica: Vou dizer ao meu senhor que a manteiga derramou, a manteiga não é minha é da filha de Ioiô. Produção de escritos e relatos orais sobre alimentação, comida, produção de teatro, esquetes, pinturas. Para as crianças do grupo A, em fase de prescrita, as atividades podem ser feitas em forma de desenhos e produção oralizada. Ênfase em gêneros musicais e prática com instrumentos de capoeira: berimbau através de ladainhas, coros, quadras e relatos orais.

✓ Prática de Letramento - Gênero: Leitura compartilhada e roda de leitura - tema Transversal Educação para a cidadania. O capoeira cidadão. Leitura de pequenos contos



de literatura infantil, conversas e roda de leitura, contação e produção de histórias, fantoche.

✓ Prática de Letramento - Gênero: Teatro – tema transversal – Sexualidade e relações de Gênero. Relações de afeto e virtualidade de relacionamentos. Capoeira sem preconceitos: capoeira é para homem, menino e mulher. Produção de texto dramático sobre sexualidade e relatos orais sobre sexualidade, teatro, esquetes, pinturas, músicas de capoeira que abordem sexualidade. Para as crianças do grupo A, em fase de prescrita, as atividades podem ser feitas em forma de desenhos e produção oralizada.

✓ Prática de Letramento - Gênero: receita – tema transversal – Diversidade cultural com ênfase na cultura alimentar negra. Gênero receita e aspectos de cozinha afrobrasileira – produção de acarajé e outros produtos da cozinha negra.

Esses gêneros de base foram desenvolvidos com auxílio de gêneros de suporte como diversos gêneros de produção de escritos e relatos orais, teatro, esquetes, pinturas, mapas, desenhos, conforme a adequação processual cartográfica do projeto.

Desse modo, temos ao longo de cada mês, vários gêneros em debate, leitura, produção, atrelados a um tema transversal como motivador destas práticas.

Os encontros são realizados duas vezes por semana às terças e quintas-feiras das 19h00 às 21h00 no pátio do IFCE. Temos atualmente em torno de quarenta participantes entre jovens e crianças, compreendidos na faixa etária de 6 a 10 (turma A) e de 11 a 15 anos (turma B). Os encontros são divididos entre prática da capoeira em si (aquecimento muscular, repetição de movimentos, aprender toques de berimbau, filosofia etc) e aplicação das atividades de letramento (discussão mediação de leitura, produção com gêneros etc).

É importante destacar que não são momentos estanques, dicotômicos apesar da prática de capoeira ser regida por mestre de capoeira e os momentos de letramento regidos pelos alunos-bolsistas do curso de Letras. Esses papéis são intercambiantes, evitando hierarquias de saber, propondo muito mais um planejamento conjunto e diálogo para um ensino partilhado conforme as expertises do mestre e dos bolsistas.

Portanto, a divisão destes momentos entre aprendizagem da capoeira e práticas de letramento é meramente didática, e foi sempre posta em cheque, pois o entrelaçamento, a simbiose entre as dimensões ser capoeira e as práticas de letramento para ser capoeira são as duas faces da mesma moeda: o ser social sendo na/pela



linguagem. Práticas mediadas na linguagem como ações em que competências linguísticas não são estritamente escolares, mas necessárias ao processo de se afirmar a identidade de capoeira.

A exemplo, a leitura e produção escrita e oral do gênero biografia (um aparato aparentemente escolar) surge como uma face da moeda em que a outra face, portanto indissociável, é o fato de que para se reconhecer como capoeira conhecer e saber falar e/ou escrever sobre a biografia dos antigos mestres da capoeira é um requisito para a construção da identidade do capoeira. Quem motiva quem? O gênero biografia não é em si puramente linguístico, vazio de sentido, ele é retomado como ordinário-pragmático, falar e saber dos antigos mestres é fator constituinte da identidade do capoeira.

Cogitamos que no momento da autorreflexão por parte dos capoeiras sobre o fazer biografia, a metanarração de elementos linguísticos (pensar sobre) pode ser importante para as crianças e jovens da comunidade na medida em que os empodera para produzirem outras biografias de não mestres, demandas escolares e outras incursões de sobrevivência linguística e social.

POR FAVOR, NÃO MALTRATE ESSE NEGO

No sentido de narrar-debater o percurso de sentido e a coleta de dados cartográfica vivencial e negociável, trazemos para a discussão, dentre os vários momentos de discussão, um episódio em que vivenciamos a simbiose capoeira e letramento e a partir do qual podemos lançar questões quanto a dimensão identitária imbricada nesse diálogo.

Em uma das nossas atividades, o mote do encontro era a vida dos antigos mestres e sua biografia. O contramestre de capoeira do grupo, Luciano conhecido como Corisco, havia preparado uma fala sobre a história de mestre Bimba, um dos fundadores da capoeira no Brasil.

Após seu relato oral, várias perguntas foram surgindo sobre quem era esse mestre. Após a fala, todos os participantes foram fazer sua própria biografia, os mais velhos através de texto escrito, as crianças através de desenhos e pinturas a partir de desenhos que disponibilizamos e ao final haveria uma socialização e discussão com todo grupo.



Interessante é notar que as estudantes bolsistas orientavam os jovens de como escrever uma biografia com certas marcas próprias do gênero, mas ao mesmo tempo eles já tinham a noção do que deveriam compor a partir do relato do mestre e as crianças desenhavam suas famílias e objetos que pudessem representar quem elas eram ou objetos que gostassem.

Figura 3. Participante do grupo pintando



Fonte: Arquivo CALERE em maio de 2016

No momento da socialização com o grupo, deram-se vários fatos interessantes, dentre eles a questão de que havia uma certa simetria entre a vida do mestre e suas dificuldades e as de certos estudantes e eles refletiam se havia alguma relação entre a cor da pele de Bimba, um negro baiano, e a própria história de dificuldade do contramestre do grupo quanto ao apoio governamental e as próprias dificuldades deles enquanto moradores do bairro Cidade com Deus e as de Bimba enquanto morador de Salvador em Santo Amaro. Houve uma descoberta, uma revelação de si para si. Naquele dia, na roda uma das cantigas ecoou mais forte: “Por favor não maltrate esse nego/ Esse nego foi quem me ensinou /Esse negro da calça rasgada/ Camisa furada ele é meu professor/ Olha lá o nego (DP)”

Havia uma elevação da discussão, o gênero era o que menos importava em sua dimensão de estrutura, o gênero não foi abandonado, mas naquele momento discutíamos a própria constituição de ser negro e de ser capoeira e negro. Ressaltamos ainda que as crianças, ao escolherem como representação de suas histórias objetos da cultura negra, como atabaque, berimbau etc, discutiam de alguma forma uma identidade de ser capoeira como politicamente corpo negro.

Cogitamos que o gênero memorialístico em pauta possibilitou a vivência real do evento social lembrar de si como hoje e ontem, estabelecer ligações entre passado e futuro, refletir sobre continuidades e rupturas quanto ao lugar do negro. Nesse debate, a habilidade linguística “escrever sobre algo que passou” e a resistência de lembrar de seus antepassados são as faces da mesma moeda de um processo de ser capoeira, um letramento em construir memórias, ampliando a discussão para as memórias de nossos pais, nossos antepassados quem somos e sua nossa história reflete em algo que somos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cogitamos que ao final desta fase do projeto, a aproximação com o universo da capoeira possa figurar para os participantes como importante fator de reflexão identitária, resistência da cultura afro-brasileira, respeito à diversidade, aprimoramento do conhecimento da formação do povo brasileiro e da história negra no Brasil, além de reforçar a autoestima e a saúde corporal.

Quanto aos letramentos, percebemos que os participantes têm aprimorado sua competência discursiva e linguística frente aos textos e gêneros produzidos e lidos, nesse sentido, foram fortalecidas a interpretação textual, aspectos de grafia e correção gramatical, noção de formalidade e informalidade, aspectos de coesão e coerência, estas não tomados como foco mas como processos de letrar-se em simbiose com o desenvolvimento da competência crítica frente à realidade social que os cerca.

Além destes aspectos de relevância para os sujeitos do projeto, os estudantes da unidade também estiveram em processo de aprendizagem, pois o projeto contribuiu com sua formação em projetos de extensão e os próprios estudantes entraram em contato com a realidade social de forma interventiva com a metodologia de letramento, fortalecendo sua formação docente.

Mesmo com esses avanços, ainda temos percebido dificuldades destes jovens e crianças do grupo com aspectos relacionados ao que chamamos de **Práticas de Letramentos Escolares** (Kleiman, 2007), ou melhor, percebemos suas limitações em pressupostos básicos de leitura e produção de textos. Pensamos que essa proficiência linguística e discursiva pode ser agora explorada com mais rigor na medida em que os processos de afeto e proximidade seguem em ritmo de crescimento.



A capoeira, como temos visto, foi abraçada pelos jovens e crianças do projeto, construindo-se, segundo relatos de pais e comunidade, como significativo espaço acolhedor, agregador entre eles em que o lúdico, o prazer corporal, o fortalecimento da autoestima e outras nuances têm surgido como pontos de destaque.

Julgamos relevante estetrabalho também na esperança de que possa redimensionar a certeza de que estes sujeitos capoeiristas queremos, para além de comunicar algo, lutar por algo. Para além da ideia da compreensão harmônica de comunicação, como um dispositivo apaziguador de diferenças, um canal que possibilita igualmente lugares e vozes para a construção do sentido; estes sujeitos queremos pensar outro mundo possível, um modo de ser e vadiar.

Tratou-se de uma pesquisa que procurou debater a forma como o Outro quer que sejamos e sobre como nós nos imaginamos/construímos ser. Nosso dizer como mobilização política negra tem implicações diretas no desejo em desestabilizar opressões e assimetrias no terreno social em que os sujeitos realmente interessados em *resistir* a lugares de subalternidade não têm direito a voz e imagem em uma sociedade midiática que reforça os traços de hegemonia (Hooks, 1992).

Assim, a construção de um *ob-jectus* de pesquisa tem a ver com nossa preocupação em responder aos/ participar dos/ transformar os, mesmo que de forma não definitiva, problemas sociais da cultura negras, em especial, da capoeira.

Nesse debate, é preciso evitar também a postura ingênua de tomar o falseamento que o conhecimento dito acadêmico científico, sendo *bem-intencionado*, possa por si só transformar a realidade social. Enquanto extensionistas nosso maior enriquecimento foi estarmos em postura de aprendizagem. Erros e acertos foram constantes em nossas experiências, pois nossa preocupação com o ato educativo foi constante, reconhecendo o processo dialético entre ensinar e aprender.

Outro elemento que podemos destacar nesta atividade de extensão dentro do contexto do ensino superior é que o nosso projeto é prioritariamente voltado para o público infantil, bem como sabemos que as faculdades ou centros de educação superior são espaços para adultos e jovens. O projeto foi sem dúvida alguma um desafio de questionar paradigmas de quem “entra” no ensino superior e de pensar um espaço educativo que contribui com a comunidade externa. Foi importante que o instituto possa pensar-se como um *locus* de diálogo com o lugar em que está inserido.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Claudiana Nogueira de; SILVA, Daniel Nascimento e FERREIRA, Dina Maria Martins (Orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014.
- AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BANDEIRA, Luís Claudio Cardoso. Do negro e suas culturas negadas no Ceará. In: SILVA JÚNIOR, Agenor Soares; SANTOS, Carlos Augusto Pereira (Orgs.). *Histórias do Ceará: experiências de pesquisa os alunos e professores do PARFOR/ UVA*. Sobral- CE 2009- 2011. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013.
- CAMPOS, Hélio. *Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência*. Salvador: SCT, EDUFBA, 2001.
- CORDEIRO. Gilson Soares. *Vem jogar mais eu, mano meu: cartografando a capoeira na cidade de Camocim como jogo de linguagem e resistência negra*. 2015. 251 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.
- CUNHA JÚNIOR, Henrique. *Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola*. In: GOMES, Ana Beatriz Sousa; CUNHA JÚNIOR, Henrique (Orgs.). *Educação afrodescendência no Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 2008. (Col. Diálogosintempestivos).
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1, 94 p. (Coleção TRANS).
- FELIX, Thassiana Reis; ZIRONDO, Maria Ilza. *Projetos de Letramento, sequências didáticas e práticas de letramento: instrumentos (inter)mediadores para a organização do trabalho do professor*. Universidade Estadual de Londrina, 2010. Disponível em <www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS.../thassianarfelix>. Acessado em 18 de fevereiro de 2016.
- GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- HOOKS, Bell. *Black looks: race and representation*. Boston: South and Press, 1992.
- KLEIMAN, Ângela. *Letramento e suas Implicações para o ensino de Língua Materna*. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.
- MATTELART, Armand; NEVEU, Érick. *Introdução aos estudos culturais*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.
- MATTOS, Regiane Augusto. *História e cultura afro-brasileira*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.



MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa e intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *A nova pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola, 2010.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. *Mestre Bimba e mestre Pastinha: a capoeira em dois estilos*. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Artes do corpo: memória afrobrasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

SÁ, Leonardo Damasceno de. *Guerra, mundão e considerações: uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz*. 2010. 283 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos (Org.). *Cidades visíveis: aspectos históricos e culturais*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013.

SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Artes do corpo: memória afrobrasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

SODRÉ, Muniz. *Santugri: histórias de mandingas e capoeiragem*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011

_____. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. *Mestre Bimba: corpo de mandinga*. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SOUZA, A. L. S. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hiphop*. São Paulo: Parábola, 2011. (Série Estratégias de Ensino, 26).

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Can the subaltern speak?* In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *The post colonial studies reader*. London and New York: Routledge, 1995.

TONINI, Renato Neves. *A arte perniciosa: a repressão penal aos capoeiras na República Velha*. Rio de Janeiro: Lumens Juris, 2008

VIDOR, Elisabeth; REIS, Leticia Vidor de Sousa. *Capoeira: uma herança cultural afrobrasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2013.

SOTERO, Raimundo Bento Sotero. *Conto Ilha do Amor*. extraído de <http://pesquisecamocim.blogspot.com.br/2011/07/impossivel-amor-lenda-da-ilha-do-amor.html>, acessado em 14 de abril de 2015.

*Recebido em outubro de 2017
Aprovado em novembro de 2017*